

**UM MAPA SETORIAL DO EMPREGO E DOS SALÁRIOS A PARTIR DOS DADOS DA RAIS****Claudio Roberto Amitrano**

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

O objetivo deste texto foi fazer um mapeamento setorial do mercado de trabalho entre 1995 e 2010, a partir, sobretudo, dos dados de emprego e salário da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), ainda que informações extraídas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) – ambas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – também tenham sido utilizadas. O estudo centrou-se na análise da trajetória da composição setorial do emprego e das elasticidades emprego-produto setoriais. Por fim, foi feita uma discussão sobre a desigualdade de rendimentos no setor formal da economia e o impacto que a segmentação setorial tem sobre sua evolução no período em questão.

Ao longo do texto, foi possível constatar o aumento da participação, em geral, dos setores de serviços e da construção civil. Notou-se, adicionalmente, que – no nível das 56 atividades do Sistema de Contas Nacionais (SCN) – os segmentos que mais se destacaram foram: educação pública; serviços imobiliários e aluguel; refino de petróleo e coque; máquinas para escritório e equipamentos de informática; álcool; outros equipamentos de transporte; petróleo e gás natural; construção; minério de ferro; máquinas e equipamentos – inclusive manutenção e reparos; peças e acessórios para veículos automotores; aparelhos/instrumentos médico-hospitalar, medida e óptico; serviços de alojamento e alimentação; comércio; produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos; serviços de informação; máquinas, aparelhos e materiais elétricos; serviços prestados às empresas; eletrodomésticos; e artigos de borracha e plástico.

Outro aspecto importante ressaltado no texto diz respeito à evolução da elasticidade emprego-produto. Os dados analisados de 1996 a 1999 e de 2000 a 2010 revelaram que enquanto no primeiro período a elasticidade emprego-produto era da ordem de 0,88,

no período subsequente este valor havia subido para algo em torno de 1,57. Tal fato também foi registrado em nível setorial e com outros recortes temporais, uma vez que a mudança positiva no nível da elasticidade agregada emprego-produto foi acompanhada por quase todas as doze atividades das contas nacionais, com exceção de comércio e dos outros serviços. Não obstante, apenas a agropecuária, os serviços industriais de utilidade pública, os serviços de informação e as atividades de intermediação financeira apresentaram elasticidades com valores entre 0 e 1, sendo, portanto, neste nível de agregação e recorte temporal, os únicos segmentos que obtiveram ganhos de produtividade.

Além disso, os dados revelaram que, na classificação de 56 atividades do SCN, os segmentos mais dinâmicos no período 2003-2009 – uma vez que obtiveram, simultaneamente, crescimento do emprego, da renda e da produtividade – foram: automóveis; camionetas e utilitários; caminhões e ônibus; celulose e produtos de papel; cimento; defensivos agrícolas; eletricidade e gás; água, esgoto e limpeza urbana; eletrodomésticos; intermediação financeira e seguros; máquinas para escritório e equipamentos de informática; outros serviços; produtos farmacêuticos; saúde pública; e tintas, vernizes, esmaltes e lacas.

Por fim, o trabalho procurou demonstrar a importância da dinâmica setorial na evolução das desigualdades de rendimentos. Para tanto, fez-se uso das medidas de desigualdade de Theil, decompostas por segmentos de atividade. A análise dos indicadores revelou que – ainda que a desigualdade total tenha caído – não apenas a desigualdade de renda intersetorial possui participação importante na desigualdade total, como também sua contribuição para a redução das desigualdades tem sido negativa. Tal fato se verificou tanto para a segunda metade da década de 1990, com breve interrupção entre 2000 e 2005, quanto para a segunda metade dos anos 2000.